

O debate arquitetônico e urbanístico na Grã-Bretanha após a Segunda Guerra Mundial

Lorenza Pavesi

Designer Gráfico formada pela Coventry University (Grã-Bretanha), Rua Madre Saint Bernard 151, Santa Mônica, São Carlos, SP, lore@ukonline.co.uk

Comissão editorial

Após a vitória sobre a Alemanha, em julho 1945, Winston Churchill e o partido Conservador foram substituídos pelo partido trabalhista dirigido por Clement Attlee, que nos 5 anos seguintes dedicou-se à reconstrução econômica e a construção da estrutura básica dos sistemas de saúde e de educação britânico e à solução dos problemas de habitação resultantes da guerra.

Embora nos anos 1930 e 1940 já houvesse exemplos de arquitetura moderna em Londres, pode-se dizer que, diferentemente de outros países europeus, na Grã-Bretanha a arquitetura moderna só se estabeleceu a partir das oportunidades criadas pela reconstrução do pós-guerra e pela necessidade de se repensar a sociedade da nova Grã-Bretanha. De todo modo, isso ocorreu de forma muito particular e mesmo contraditória, pois as propostas modernas, ao mesmo tempo em que foram assumidas por uma parte dos arquitetos, foram também combatidas por outros segmentos da categoria. E mesmo aqueles que no plano interno defendiam o modernismo, naquele momento os jovens arquitetos, dos quais se destaca o casal Alison e Peter Smithsons, expoentes do Novo Brutalismo popularizado pelo crítico Reyner Banham, que viria a formar o TEAM X, no âmbito dos CIAM foram reconhecidos como críticos do modernismo, especialmente, das categorias que estruturavam a Carta de Atenas, que interpretavam como abstratas.

O processo de reconstrução trazia necessidades nostálgicas de continuidade e anseios de renovação. Esse conflito incidiu fortemente sobre quais valores culturais a serem defendidos e como o processo de reconstrução devia ocorrer.

Já durante a segunda guerra, em 1943 os editores da *Architectural Review* apresentavam o modelo sueco¹ como exemplo de uma arquitetura considerada mais correta que a arquitetura dos anos 1930 e mais adequada às necessidades reais das pessoas.

Em 1951 o *Festival of Britain*² celebrava o início da prosperidade do pós-guerra, ainda que a Grã-Bretanha jamais readquirisse sua condição de liderança pré-guerra, adotando o *Contemporary Style* com suas concepções técnico-construtivas, que culturalmente não se diferenciava do que parecia o seu oposto o *People's Detailing*, Novo Humanismo ou Novo Empirismo (e suas afinidades com o empirismo sueco), pois todos imprimiam uma marca populista, em busca de uma arquitetura nacional britânica.³

Como visto, durante a guerra e, também, nos anos seguintes a *Architectural Review* empenhava-se em registrar os esforços de arquitetos e urbanistas, resumindo propostas de uma grande variedade de grupos preocupados com a reconstrução. Hubert de Cronin Hastings, uma das personagens mais importantes da história da revista e James Richards (substituído por Nicholas Pevsner durante a guerra) deram início a um período de vigorosas campanhas através de uma mistura de tradição e Modernismo e o típico cepticismo britânico perante as idéias extremas do resto do continente. Em 1949 a *Review* apresentava pela primeira vez aos leitores as teorias Townscape embora Gordon Cullen, primeiro editor de arte da revista e personagem chave do Movimento Townscape, já tivesse desenvolvido vários estudos baseados nesta metodologia.

1. William Holford: "Swedish Peace in War, a special number on Sweden". O sistema de habitação sueco, com suas cooperativas, sistemas pré-fabricados e construtoras era considerado o mais progressivo na Europa. Através das construções de um dos líderes da nova geração de arquitetos suecos, Sven Backström, Holford encorajava o leitor a olhar para o "vitorioso debut da arquitetura funcionalista na Suécia".

2. O Festival of Britain foi uma celebração nacional organizada para marcar o centenário da Great Exhibition de 1851, e seu Palácio de Cristal, dar aos cidadãos britânicos uma sensação de recuperação e progresso e promover melhor *design* na reconstrução das cidades Britânicas após a guerra. A maior concentração de eventos e construções em Londres foi a South Bank Exhibition e das construções hoje permanece somente o Royal Festival Hall.

3. Para Frampton comentando sobre essas concepções e realizações "... A *sintaxe desse estilo* (People's Detailing) (...) compreendia uma arquitetura de telhados de pouca declividade, paredes de alvenaria, tímpanos verticais e janelas de caixilhos quadrados, de madeira, que tanto podiam ser deixadas sem pintura quanto pintadas de branco. Esse chamado "detalhamento popular" tornou-se com acréscimos locais o vocabulário padrão dos arquitetos esquerdistas do Conselho Municipal de Londres e

conquistou maior aceitação graças à influência dos editores mais ativos de *The Architectural Revue*, J. M. Richards e Nicholas Pevsner, os quais, após terem defendido um modernismo vigoroso, começaram, na década de 1950, a optar por uma abordagem mais livre da forma construída. (...) o *Festival of Britain* serviu para conferir (...) uma dimensão progressista e moderna, ao parodiar a iconografia heróica dos construtivistas soviéticos. Seus dois símbolos mais fortes, o *Skylon* de Philip Powell e John Hidalgo Moya e a *Cúpula do Descobrimento* de Ralf Tubbs, não representavam nada mais pretensioso através de sua estrutura retórica do que o 'circo' da vida para o qual supostamente, dentro em breve se providenciaria o 'pão'. Não é que a exposição carecesse de conteúdo – ocorre que esse conteúdo era apresentado de maneira gratuita". FRAMPTON, K., *História Crítica da arquitetura Moderna*, pp. 319-320.

4. Termo usado na Grã-Bretanha para as cidades desenvolvidas após a II Guerra sob o *New Towns Act 1946* e destinadas a receber a população que havia perdido suas habitações durante a Guerra e cuja concepção era inspirada na visão da *Garden City* de Ebenezer Howard. Importante também o plano de Peter Abercrombie de 1944 que visava mudar 1 milhão e meio de pessoas de Londres para novas cidades. Em 1953 já haviam sido construídas *New Towns* suficientes para dar uma idéia do seu resultado urbano e muitas críticas começaram a aparecer, dentre as quais destaca-se as do artigo "The failure of the New Towns" na *Review* no qual J.M. Richards denuncia as falhas sociais e econômicas do programa.

Mas a esperança da *Review* em um *revival* do Pitoresco, embora objeto de recorrente interesse, permaneceu um caminho incerto e de pouco impacto.

A euforia do pós-guerra estava terminando e até uma das políticas mais significativas do pós-guerra, a desconcentração da capital através da mudança de parte da população e indústria para as "New Towns"⁴ satélites, começava a ser criticada.

Ao mesmo tempo que a oportunidade de reconstrução prometia um futuro melhor para a Grã-Bretanha e abria possibilidades extraordinárias para

arquitetos e urbanistas, a escolha de um único estilo para a arquitetura da reconstrução estava longe de ser definida e a natureza da arquitetura moderna e as certezas das formas simples dos anos 1930 também eram colocadas em discussão.

Neste contexto de reconstrução material, programas sociais, obras arquitetônicas e intervenções urbanas, onde as discussões culturais internas cruzavam-se com o debate arquitetônico dos CIAM, uma série de personagens se destacaram, dentre eles Ian Nair, de cuja produção se destaca os textos *Subtopia*, *Agentes* e *Manifesto* transcritos e discutidos a seguir.